



# miguilim

revista eletrônica do netlli  
volume 1, número 1, dez. 2012

## MIKHAIL BAKHTIN E SEU CONTEXTO POLÍTICO E CULTURAL



Thaís Nunes de BRITO (Netlli/URCA)  
Francisco de Freitas LEITE (URCA)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [OS AUTORES](#)  
RECEBIDO EM 25/09/2012 • APROVADO EM 25/09/2012 (AUTORES CONVIDADOS)

---

### Resumo

---

Este trabalho esboça um panorama do contexto político da Rússia, no final do século XIX e início do século XX, período que se relaciona com as primeiras produções intelectuais do filósofo Mikhail Bakhtin. Sobretudo, mostra como as manifestações, guerras, revoluções e governos dessa época influenciaram a criação intelectual desse ilustre pensador. Concomitantemente, apresenta um pouco da cultura russa e sua contribuição na vida desse grande filósofo do século XX.

---

### Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Contexto político. Cultura. Mikhail Bakhtin.

Na Rússia, no ano de 1924, Joseph Stalin, membro do Partido Bolchevique, inicia seu governo. Durante muito tempo, Stalin amedrontou toda a União Soviética com uma ditadura que adquiriu fortes traços de brutalidade até 1953, ano em que morre Stalin. Com o fim da autocracia stalinista, a Rússia retira os cobertores que antes a sufocavam tenazmente. Em se tratando de Bakhtin, neste contexto, “morto o tirano, cedo ou tarde os registros são abertos e essas vidas têm seus claros preenchidos. Por vergonhoso que seja o atraso, ao final um lugar é encontrado para o pensador na história cultural da Rússia” (EMERSON, 2003, p. 19). Foi na época pós-stalinista, que se iniciaram as descobertas e as pesquisas mais aprofundadas dos manuscritos de Mikhail Bakhtin, grande filósofo do século XX.

É preciso, antes de adentrar uma discussão mais visceral, fazer uma explanação diminuta que seja da época em que viveu Mikhail Bakhtin. E, sobretudo, destacar os governos, as manifestações, as guerras e as revoluções que marcaram a Rússia durante todo esse período, que se configurou no século XX.

No início do século XX, mais precisamente em 1905, a Rússia estava prestes a envolver-se em um dos movimentos que entraria para a história como *Domingo Sangrento*. Este movimento, de cunho social, reunia trabalhadores empenhados em reivindicar, entre outros, seus direitos trabalhistas. A manifestação da classe operária foi duramente reprimida pela guarda do czar Nicolau II. A dura repressão ao movimento, ocorrido em 1905 e as precárias condições de vida dos trabalhadores russos serviram de embrião para a eclosão da revolução russa.

Nesse ano, Mikhail Bakhtin tinha se mudado para Vilnius. “A cidade, uma colônia governada por russos, tinha o russo e a religião ortodoxa como instituições oficiais, mas a população, constituída em sua maioria por poloneses e lituanos, era católica, hostil aos russos ortodoxos” (BRAIT, 2009, p. 19). Aí, o contato com diferentes culturas despertou nesse filósofo um dos eixos de sua criação intelectual, como atesta Brait (2009, p. 19): “Bakhtin vivenciou o pluralismo linguístico e cultural, que mais tarde se transformaria em uma de suas preocupações centrais, aflorando teoricamente como polifonia, heteroglossia, plurilinguismo, dialogismo”.

Logo no início de 1917, a crise russa chegou ao ápice e nesse mesmo ano se configurou uma das revoluções mais importantes do século XX: a Revolução Russa de 1917, que se divide em duas fases distintas: a revolução de fevereiro de 1917 e a revolução de outubro de 1917. Aquela compreendeu a queda do czar Nicolau II e o estabelecimento de uma república de cunho liberal; esta se caracterizou pelo domínio do Partido Bolchevique, liderado por Lênin, que derrubou o governo provisório e impôs o governo socialista soviético.



No livro *Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin*, Caryl Emerson expõe a opinião de Vladimir Maliavin, orientalista e culturologista russo, sobre a posição de Bakhtin frente a este movimento:

Desde a mais tenra juventude ele desconfiava da atividade política organizada e evitava todo evento de massa. Em março de 1917 ainda pranteava o fim da monarquia, não comparecia a nenhuma reunião política e ficava em casa sentado, lendo livros, até queimá-los todos como combustível durante os terríveis meses de inverno da Guerra Civil (EMERSON, 2003, p. 41).

Em uma das entrevistas que Victor Duvakin fez a Bakhtin, ele também mostra como o filósofo comportou-se diante da revolução de 1917 e da Primeira Guerra Mundial: “prosegue com os anos de universidade, durante a Primeira Guerra Mundial (quando era um estudante ativo e um tanto recluso), passa pelas revoluções de 1917 na capital (Bakhtin opôs-se a ambas)” (EMERSON, 2003, p. 52).

Durante este período, Bakhtin segue frequentando a Universidade. “Foram anos de turbulências e caos, fatos que inevitavelmente afetaram a vida universitária. Havia números minguentes nas salas de aula e crescente tibieza nas exigências dos cursos. Tais liberdades proporcionaram a Mikhail largo espaço de escolha nos estudos. Não obstante, o seu próprio Departamento de Estudos Clássicos” (CLARK, HOLQUIST, 2008, p. 56).

O desfecho da Revolução de 1917 ocasionou, na Rússia, grandes transformações ocorridas nos sistemas político e social. Uma delas foi a mudança no caráter do Estado, que, na Revolução de Outubro, deixa de ser um Estado a serviço da burguesia e nasce um Estado da classe operária apoiada nos camponeses e soldados. Todas essas modificações acarretaram na Rússia uma

grave crise de escassez de alimentos e “um dos fenômenos mais medonhos desta época era a fome” (BOUKHARAEVA, 1997, p. 15). Nessa situação, Bakhtin, que residia em Petrogrado, vai à procura de melhorias.



O refúgio encontrado durante os anos de 1920 a 1924 foram as cidades de Nevel e Vitebsk, pois “eram cidades onde diferentes culturas étnicas e linguísticas e diversos costumes e modos de vida se encontraram e conviviam pacificamente, interagindo e penetrando uma na outra” (BOUKHARAEVA, 1997, p. 16). Algumas características dessas cidades eram reflexos da Revolução Russa, pois, como afirma Boukharaeva (1997, p. 16), “a revolução socialista e o surgimento da nova cultura proletário-revolucionária contribuíram para a diversidade cultural das cidades”.

Foi nesse cenário, que surgiu em Nevel o *Seminário Kantiano* ou *1º Circulo de Nevel*. Bakhtin e os demais membros que participavam do Círculo discutiam sobre filosofia com ênfase nas ideias de Kant e Hegel. “Bakhtin pôde promover um grupo de estudos sobre a *Crítica da Razão Pura* de Kant, texto que na época era visto como encarnação central do pensamento ‘idealista’ e, portanto, antimarxista” (CLARK, HOLQUIST, 2008, p. 70). No círculo de Nevel, eles reconheciam a necessidade de trabalhar com as classes menos favorecidas, disseminando seus conhecimentos culturais. Para que só assim pudesse amenizar as fendas entre a massa e os ditosos.

Alguns membros do Círculo foram gradualmente se mudando para Vitebsk. Província que abrigava muitos intelectuais que deixavam a situação de calamidade existente em Petrogrado e Moscou. E “o grupo de Nevel contava agora com duas bases, a segunda em Vitebsk” (CLARK, HOLQUIST, 2008, p. 71). Esta província, também desempenhou um papel importante na vida do filósofo, pois foi lá o “lugar do aprendizado intelectual de Bakhtin” (EMERSON, 2003, p. 82). “Muito embora Bakhtin tenha podido assim realizar em Nevel e Vitebsk trabalhos da maior envergadura, nenhuma das duas cidades provinciais estava em condições de oferecer-lhe posição de grau acadêmico, uma oportunidade de publicar suas obras ou sequer uma boa biblioteca” (CLARK, HOLQUIST, 2008, p. 80). Provavelmente, esse tenha sido o motivo de seu regresso para Leningrado (antiga Petrogrado, que tinha mudado de nome após a morte de Lênin, em 1924).

Em 1929, quando retornou a Leningrado, Mikhail objetivava fazer algumas publicações, visando melhorias financeiras. Pois, neste período, como coloca Clark

e Holquist (2008, p. 118): “Um subproduto da Nova Política Econômica de 1921, que permitiu a existência limitada e em pequena escala de empresas capitalistas, foi a abertura de casas editoras de propriedade privada. Até 1927, não havia impedimento para que os cidadãos soviéticos publicassem nas editoras berlinenses de língua russa. Além disso, com o término da Guerra Civil, o governo pôde alocar mais dinheiro, papel e facilidades às artes.”



Entretanto, a falta de conhecimento que Bakhtin tinha entre os intelectuais de Leningrado dificultou, consideravelmente, a execução de seu objetivo. “Além disso, Leningrado era uma das duas capitais culturais da nação e não apenas mais uma cidade provincial, como Nevel e Vitebsk, e Bakhtin simplesmente não possuía os contatos, as publicações ou o nome para assinalar sua presença” (CLARK e HOLQUIST, 2008, p. 120). Assim, Bakhtin percebia “com frequência fracassarem suas tentativas quixotescas de conseguir dinheiro com publicações” (CLARK e HOLQUIST, 2008, p. 121). Embora, Leningrado tenha ocasionado alguns estorvos na vida de Bakhtin, foi nesta cidade que ele pode ter uma melhor assistência no acesso a livros, sendo assim um período muito produtivo na sua vida intelectual.

Em 1929, Bakhtin foi preso. Vários motivos justificam sua prisão, porém, nenhum deles certifica. Alguns biógrafos alegam ter sido “muito mais por seu vínculo com a tradição ortodoxa – por sua ligação com a Ressurreição, organização religiosa não oficial – que por suas posições políticas” (BRAIT, 2009, p. 22). Outros afirmam que sua prisão foi devido à participação no “círculo religioso-filosófico, que tentava reunir o cristianismo com o socialismo” (BOUKHARAEVA, 1997, p. 22). No ano seguinte Bakhtin foi exilado em Kustanai (Cazaquistão), onde permaneceu até 1936. Como expõe Emerson (2003, p. 70):

para Bakhtin (como para tantos de sua geração marcada), *vlast'*, o poder político institucionalizado, parece ter sido um “intocável” distante, um tanto demonizado, não destituído de fascínio, mas antes exilado do reino do que desapaixonadamente explorado.

Nessa época, a concentração do poder soviético estava nas mãos de Joseph Stalin e o país vivia sob o domínio da autocracia stalinista. Por volta de 1936, no período do exílio de Bakhtin, a Rússia era palco do Grande Expurgo. Episódio no qual Stalin, decidido a consolidar seu poder pessoal, passou a destruir e expulsar

toda a oposição política. A Rússia estava tomada por repressões agudas, bastava parecer indesejável para ser punido de forma rigorosa.

Em 1937, Bakhtin mudou-se para Saransk (Mordóvia), 400 milhas a leste de Moscou. Mikhail, que havia recebido o convite de seu amigo Miedviédiev para lecionar no Instituto Pedagógico da Mordóvia, deslocou-se imediatamente para a cidade. Ainda devido aos reflexos do Grande Expurgo, “a maioria dos membros do Partido do corpo docente foram depurados e Bakhtin tampouco escapou de todo. Sofreu o que ele chamou de ‘grande arranhão’, do qual emergiu aparentemente intato” (CLARK, HOLQUIST, 2008, p. 278). Logo, o filósofo viu a necessidade de dirigir-se para outro lugar.

Afluiu para Savelovo, cidade próxima de Moscou, onde permaneceu por muito tempo. Esta cidade abrigava muitos exilados e ex-prisioneiros, devido a sua localização.

“Savelovo soa como quase idílica em comparação com as outras opções que então se abriam a Bakhtin, tais como Kustanai ou pontos ainda mais distantes no leste, mas os primeiros meses naquela cidade foram extremamente árduos” (CLARK, HOLQUIST, 2008, p. 279). E, somente no ínterim entre o fim do Grande Expurgo e meados de 1941, foi que a Rússia pode viver climas mais liberais. Como acrescenta Clark e Holquist (2008, p. 279):

O Grande Expurgo alcançou o seu clímax naquela época, com o segundo grande julgamento espetacular, o de Bukhárin e seus partidários. Contudo, na segunda metade de 1938, o processo de depuração começou a perder impulso e, em dezembro desse ano, encerrou-se, quando o chefe da polícia secreta, Iejov, foi demitido e substituído por Béria. A situação política descontraíu-se, gradualmente. Muitos dos que haviam sido detidos e aguardavam julgamento foram libertados, e o número de prisões diminuiu de maneira considerável.

Em 1939, iniciou a Segunda Guerra Mundial, porém, somente em 1941 a Rússia entrou na guerra. “A Segunda Guerra Mundial, que lavrou tanta destruição na Rússia, representou ao nível pessoal um retrocesso na carreira de Bakhtin” (CLARK e HOLQUIST, 2008, p. 335). Pois, justamente nesse período Mikhail estava alcançando um espaço na vida intelectual soviética. Prestes a publicar seu livro sobre o romance pedagógico e a defender a dissertação sobre Rabelais, a guerra



veio como um descompasso e mudou seus planos. Parte dos arquivos que se encontravam num prédio foram atingidos por ataques e bombardeios da guerra e todo o original ficou arruinado. Durante todo esse período, Bakhtin continuou na cidade dando aulas “é provável que o seu trabalho de professor na época de guerra tenha ajudado a compensar a sua ficha política, pois imediatamente após o conflito ele pôde regressar a Saransk e retomar seu antigo cargo no Instituto Pedagógico” (CLARK e HOLQUIST, 2008, p. 335).

Ao chegar a Saransk, Bakhtin passou a lecionar no Instituto Pedagógico. “Seu primeiro (e único) emprego seguro foi numa modesta escola de professores em Saransk, 200 milhas a sudeste de Moscou. Como lar acadêmico de Bakhtin durante quase 25 anos” (EMERSON, 2003, p. 81). Desse período, acrescentam Clark e Holquist (2008, p. 342): “A despeito de sua carga de responsabilidades e não obstante as limitações políticas que o cercavam, a posição de Bakhtin em Saransk foi provavelmente a melhor que ele conheceu em sua vida adulta”.

Após essa explanação do contexto social em que viveu Bakhtin, partiremos a uma observação acerca de alguns fenômenos ligados à política e à cultura que interferiram no pensamento desse filósofo.

Durante o período do autoritarismo de Stalin e em meio à atmosfera intempérica em que a Rússia vivia, Bakhtin desenvolveu sua proeza moral. Mas o que terá sido essa *proeza moral*? Segundo Emerson (2003, p. 41),

Em parte foi a audácia de postular, desde o interior de sua época corrupta e sangrenta, conceitos tão assombrosos como “amor estético”, “autonomia participatória”, o riso como libertação do terror, a morte pessoal como dádiva de integridade ao outro. Em parte foi, certamente, sobreviver à prisão, ao exílio e à reintegração durante o período stalinista sem se comprometer nem colocar em perigo outras pessoas, sem buscar desesperadamente um posto profissional mais alto ou um Prêmio Lenin e sem ceder às vaidades da condição de vítima.

Podemos destacar ainda, segundo Emerson (2003, p. 94), que “a indiferença do próprio Bakhtin para com as ruidosas panaceias políticas que o perseguiram durante a maior parte de sua vida madura foi sempre um componente importante de seu enorme apelo”.

Vendo dessa forma, notemos que o filósofo não simpatizava com a política pregada por Stalin. Tanto é que em uma de suas entrevistas concedidas a Victor Duvakin, em 1973, Bakhtin ainda afirmava “sua irreconciliável oposição aos bolcheviques desde os primeiros dias do novo regime” (EMERSON, 2003, p. 95).



Apesar da forte repressão vivida pela Rússia no período da autocracia stalinista, que tinha como características centrais o autoritarismo e o oficialismo, Bakhtin, que vivenciou esse período, pouco deixou se influenciar por tais características e tinha o autoritarismo em suas obras como uma “força estulta e empobrecedora” (EMERSON, 2003, p. 70).

O filósofo também demonstrou esse desinteresse pela autoridade na sua personalidade. Quando na condição de Chefe do Departamento de Literatura, no Instituto Pedagógico, algumas atitudes tomadas por ele, tais como, por exemplo, quando “resolvia problemas do departamento por meio de discussões informais (*besedy*) com sua única colega subalterna e não em reuniões formais” mostra que ele “claramente não tinha nenhum talento para hierarquia e nenhum interesse especial pelo exercício da autoridade” (EMERSON 2003, p. 43).

Assim, como dizem Clark e Holquist (2008, p. 285), “Bakhtin não respondeu ao desafio do stalinismo com silêncio”. E de forma enigmática Mikhail usava algumas suas obras para criticar a cultura stalinista.

Por fim, “embora tivesse planejado, desde muito jovem, escrever um tratado sobre a ética na política, em sua obra remanescente quase nenhuma atenção é dedicada à ação política prática como força organizatória positiva para a sociedade” (EMERSON, 2003, p.95). E talvez, todos esses planos de escrever sobre política tenham tomado diferentes trilhos devido ao período de grandes turbulências que viveu esse grande filósofo.

---

## Referências

---

NETO, Paulo José. *O que é Stalinismo*. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1985.

BOUKHARAEVA, Louiza M. *Começando o diálogo com Mikhail Mikhailovitch Bakhtin*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1997.



BRAIT, Beth e CAMPOS, Maria Inês. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, Beth. (Org). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 15-30.



EMERSON, Caryl. *Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Tradução Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

CLARK, Katerina e HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

---

## Para citar este artigo

---

BRITO, Thaís Nunes de, LEITE, Francisco de Freitas. Mikhail Bakhtin e seu contexto político e cultural. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 1., 2012, p. 56-64.

---

## Os autores

---

**Thaís Nunes de Brito** é graduanda em Letras, pela Universidade Regional do Cariri e pesquisadora-voluntária do Netlli-DGP/CNPq.

**Francisco de Freitas Leite** é doutorando em linguística pelo PROLING (UFPB), onde desenvolve pesquisa embasada da filosofia bakhtiniana da linguagem. Mestre em Linguística pela UFPB (PROLING – 2009), especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela URCA (1999) e graduado em Letras por esta mesma IES (1998). Atualmente é professor Assistente F da Universidade Regional do Cariri e pesquisador-orientador no Núcleo de Pesquisa em Estudos Linguísticos e Literários – NETLLI e pesquisador-estudante no Grupo de Pesquisas em Linguagem, Enunciação e Interação – GPLEI, com a Linhas de pesquisa: Discurso e sociedade: a diversidade discursiva e enunciativa. Orientadora: Maria de Fátima Almeida. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística, Língua Portuguesa e Língua Latina, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística histórica, história da língua portuguesa e poesia brasileira. Freitas é poeta, tendo publicado quatro obras: **Fuga pela claraboia** (1997, recentemente indicado como obra para o vestibular da URCA), **Ave, sertão!** (1998), **Nacos** (1999) e **Curta versagem** (1993). Sua dissertação de mestrado foi publicada em 2009, sob o título **O latim em cartas do Cariri cearense**. Também organizou, com Edson S. Martins, duas obras coletivas: **Língua, literatura e ensino: a pesquisa acadêmica no DLL/URCA** (2010) e **As veredas da pesquisa em letras: ensaios críticos e teóricos** (2011). Publicou, com José Evandro dos Santos Silva, **Por uma nova abordagem do Latim**, em 2012. Tem três capítulos em livros, sendo um deles (em co-autoria) intitulado Bakhtin/Volochínov e os problemas da construção de sentido, recentemente publicado, em livro sob organização de Fátima Almeida (PROLING-UFPB).